



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Graziela Lima Xavier Melo

MEMÓRIA SOCIAL: ASPECTOS DA COMUNIDADE SERRA DAS VIÚVAS

Delmiro Gouveia/AL

2024

Graziela Lima Xavier Melo

MEMÓRIA SOCIAL: ASPECTOS DA COMUNIDADE SERRA DAS VIÚVAS

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial, para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Ivamilson Silva Barbalho

Delmiro Gouveia/AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

M528m Melo, Graziela Lima Xavier

Memória social: aspectos da comunidade da Serra das Viúvas /
Graziela Lima Xavier Melo. - 2024.
50 f. : il.

Orientação: Ivamilson Silva Barbalho.
Artigo monográfico (Licenciatura em História) – Universidade
Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2024.

1. História oral. 2. Memória social. 3. Mulher camponesa. 4. Casas de farinha. 5. Artesanato. 6. Agricultura. 7. Comunidade Quilombola Serra das Viúvas. 8. Água Branca – Alagoas. I. Barbalho, Ivamilson Silva. II. Título.

CDU: 981(813.5)

Folha de Aprova ao

Graziela Lima Xavier Melo

MEMORIA SOCIAL: ASPECTOS DA COMUNIDADE SERRA DAS VIUVAS

Trabalho de conclusao de curso de Uenciatura Plena em Hist6ria, da Universidade Federal de **Alagoas** como requisito parcial para obtenc;ao do grau de graduada em Hist6ria.

Aprovado em: 05 de 04 de 2024.

BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente

JOSE IVAMILSON SILVA BARBALHO

Data: 03/06/2024 19:53:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof8. Ivamilson Silva Barbalho
Universidade Federal de Ala!'.IQas



Documento assinado digitalmente

FLAVIO AUGUSTO DE AGUIAR MORAES

Data: 05/08/2024 18:55:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof' Flavio AQuiar



Documento assinado digitalmente

PEDRO ABELARDO DE SANTANA

Data: 05/08/2024 15:52:10-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof Pedro Abelardo

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me concedido saúde, coragem e sabedoria em toda a minha passagem na faculdade, e ter chegado ao final concluindo meu principal trabalho do curso.

Agradeço em segundo lugar a minha família principalmente a minha mãe Maria Lúcia (Marluce), que sempre foi minha maior incentivadora em todos os passos dados na minha vida e essa conquista eu dedico a senhora. A minha avó falecida Dona Maria Olindrina que foi o meu alicerce em vida, sempre me ajudando de todas formas que podia, sempre agradecida a Deus por eu estar cursando essa faculdade e me colocando nas suas orações pedindo pela minha proteção, obrigada vó eu te amo. As minhas irmãs Luana Lima e Sylvania Lima que são minha sorte, gratidão sem vocês eu nada seria.

Agradeço por último os meus amigos Alana Karoline, Simario Feitoza e Viviane Queiroz que estiveram do meu lado durante esse percurso. Aos meus amigos da faculdade Carlos Lima e Fernanda Barros que foram de suma importância para que eu estivesse escrevendo esses agradecimentos hoje e também aos demais colegas de curso que torceram por mim e fizeram essa caminhada mais leve com as diversões e resenhas, quero agradecer também aos meus professores que foram minha fonte de conhecimento, em especial ao meu orientador, Professor Ivan que gentilmente me ajudou e me guiou em todo decorrer desse trabalho dando todo suporte necessário, Gratidão a todos.

“Talvez não tenha conseguido fazer o meu melhor,
mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser,
mas graças a Deus, não sou o que era antes”

(Marthin Luther King)

RESUMO

A necessidade de compreensão dos movimentos sociais dentro da realidade da cidade de Água Branca, fazendo um recorte territorial a Serra das Viúvas comunidade Quilombola, que mantém viva a realidade de um povo camponês que ainda sobrevive da terra, que passa para os mais novos seu conhecimentos. Através do plantio da mandioca, assim como do artesanato são colocados em prática a continuidade desta comunidade dentro do espaço da cidade de Água Branca. Tendo como objetivo compreender novos olhares para a prática social frente ao capitalismo com o novo, a comunidade se mantém firme e progride dentro do seu espaço social. O trabalho da mulher camponesa é sempre em produzir e garantir uma colheita que possa suprir seus familiares em momento de não safra. Com isso o artesanato cobre também os espaços financeiros. Sendo um trabalho exploratório e bibliográfico que estuda os caminhos dentro de seu espaço para trabalho individual e coletivo como o caso do trabalhar com a casa de farinha, período que necessita da participação de muitos para que o serviço possa logo ser concluído. Com isso pode observar que ainda existe o processo oral, transmitindo o conhecimento dos mais velhos para os mais novos no sentido de quando partirem os mais novos continuem firmes na labuta e no próprio sentido de resistência.

Palavras-chave: Serra das Viúvas. Agricultura. Mulher camponesa.

ABSTRACT

The need to understand social movements within the reality of the city of Água Branca, making a territorial cut to the Serra das Viúvas Quilombola community, which keeps alive the reality of a peasant people who still survive from the land, who pass on their knowledge to the youngest. Through the planting of cassava, as well as handicrafts, the continuity of this community within the space of the city of Água Branca is put into practice. With the objective of understanding new perspectives for social practice in the face of capitalism with the new, the community remains firm and progresses within its social space. The work of peasant women is always to produce and guarantee a harvest that can supply their families in times of non-harvest. As a result, handicrafts also cover financial spaces. Being an exploratory and bibliographical work that studies the paths within its space for individual and collective work as the case of working with the flour house, a period that requires the participation of many so that the service can soon be completed. With that, you can observe that there is still an oral process, transmitting knowledge from the older ones to the younger ones in the sense that when the younger ones leave, they remain firm in the struggle and in their own sense of resistance.

Keywords: Serra das Viúvas. Agriculture. Peasant woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

CPT - Comissão Pastoral da Terra

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

AMAQUI - Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas

AGENDHA - Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agro Ecologia

LISTA DE MAPA

Mapa 1: Região do Alto Sertão Alagoano	23
---	-----------

LISTAS DE FOTOS

Foto 1: Frente da associação.....	30
Foto 2: seleção das palhas de Ouricuri.....	31
Foto 3: parte interna da casa de farinha onde existe a queima.....	32
Foto 4: temos ai uma prensa que é utilizada para ajudar na secagem da lavagem da macaxeira antes de ir ao forno.....	32
Foto 5: Um pouco do que é produzido na casa da matriarca da comunidade.....	34
Foto 6: Em momento de não uso da casa de farinha.....	37
Foto 7: Dentro da casa de farinha com a visão das fibras da bananeira.....	38
Foto 8: forno da casa de farinha.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Delimitação do Problema.....	13
1.2	Justificativa da Pesquisa.....	14
1.3	Objetivos.....	15
1.3.1	Objetivo Geral.....	15
1.3.2	Objetivos Específicos.....	15
1.4	Materiais e metodos.....	16
2	OS CAMINHOS DA TERRA EM ALAGOAS.....	18
3	A SECA É UM FATOR CLIMÁTICO DO ALTO SERTÃO.....	23
4	O CAMPESINATO EM ÁGUA BRANCA.....	26
4.1	A necessidade de ensinar para as futuras gerações sobre a memória e a história dos movimentos sociais.....	30
4.2	A casa de farinha comunitária.....	36
4.3	Importância do artesanato na memoria social da comunidade Serra das Viúvas.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de um trabalho acadêmico dentro da ótica dos movimentos sociais é crucial para manter viva a realidade cultural de um povo. Realidade que precisa ser trabalhada dentro da escola para que esse processo possa ser cultural. A produção de material pedagógico sobre os movimentos sociais da cidade de Água Branca para trabalhar nas aulas de História é um verdadeiro resgate cultural para o seu povo.

O direcionamento correto para colocar em prática o conhecimento sobre o contexto histórico dos movimentos sociais no Alto Sertão alagoano da cidade de Água Branca como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, que trabalha a necessidade de ter a terra para trabalhar e pela Comissão Pastoral da Terra-CPT, que são movimentos sócio territoriais.

A educação necessita melhorar suas práticas das aulas de História diariamente para que seus alunos possam desenvolver diante dos assuntos propostos. O trabalho pedagógico dentro da realidade territorial é amplo, contudo deve ser direcionado para que o aluno possa ter o contato com as comunidades existentes na cidade de Água Branca dentro da realidade do movimento social.

Despertar nos alunos do componente curricular de História a vivência e experiência política e social, dentro da realidade pedagógica seja no campo ou na cidade, despertando neles o interesse mutuo para compartilhar das vivências cotidianas, com suas práticas culturais e religiosas, seja na cidade ou nas comunidades espalhadas no município do Alto Sertão alagoano.

A procura por mecanismos pedagógicos nas aulas de História que possam direcionar um caminho mais condizente para seus alunos sobre os movimentos sociais é algo benéfico para o corpo docente e discente. As práticas direcionadas como a capoeira, a cultura artesã da associação de mulheres é outra realidade que pode informar e desenvolver habilidades nos adolescentes.

Água Branca é uma cidade histórica, que fornece conhecimentos para a base dos preceitos do Alto Sertão e para o próprio estado nacional. As resistências existiram e existem nestes movimentos sociais. A garantia dos direitos devem ser sempre reivindicados para que possa valer as suas raízes, as raízes históricas é o

complemento essencial para o hoje com o avanço social que existe dentro do contexto capitalista.

O Semiárido alagoano, o qual abarca parte da Mesorregião Agreste e a integralidade da Mesorregião do Sertão, é uma área com uma cultura rica dos movimentos sociais, que procuraram superar diante do processo do crescimento do capital nesta região, com novas roupagens, contudo o sertanejo sempre encontra um jeito de se manter e resistir contra o autoritarismo.

A procura por um modelo de produção em bases políticas, econômicas e sociais são administrados dentro do contexto da imposição dos mais fortes, para que a classe menos favorecida possa ser remanejada conforme a necessidade do fazendeiro. O trabalho é sempre a base para as fundamentações de manipulação das massas, que se articulam para controlar a vida do operário.

1.1 Delimitação do problema

O homem do campo preza por sua vida e de sua família, com o crescimento desordenado da cidade vem ocasionando, os processos de migrações com pobreza e ocupação de áreas impróprias. A necessidade de alimentar seus filhos colocar o homem da casa em uma realidade complexa, visto que o contraste do sertão alagoano é difícil em épocas de seca prolongada.

A necessidade de mudar para manter viva a sua realidade dentro da esperança de pode voltar para a sua terra, contraste social em meio a uma estrutura não planejada, que avança sem uma conscientização de raiz social, mas que necessita sobreviver e em cima da realidade das melhorias que devem ser feitas para seu retorno, que em muitas situações não acontece. Mas seu olhar está sempre direcionado ao sertão alagoano.

Quase todos os aspectos da sociedade transformaram-se em campos de batalha, corridas tecnológicas, políticas internacionais, produção nacional, produção agrícola, em todas as áreas os blocos se digladiavam para provar que o seu modo de governança era o mais adequado para o mundo (ALVES, 2013, p. 27).

Neste sentido o pequeno adentra a uma realidade oposta do que ele realmente conhecia, o capitalismo neste viés procura converter os mecanismos de uma sociedade culturalmente trabalhada com a raiz social com seus valores

próprios, sem a pretensão de querer consumir sem um devido refreio, mas nos cuidados com a sua mãe terra, para que sempre possa plantar e ter o seu sustento.

O trabalho pedagógico em manter acesso a História de um povo é complexo, porem necessário, visto a realidade do momento em que à História estar sendo alimentada com o avanço de tantas informações como a internet. Como manter acesso a necessidade dos movimentos sociais nas aulas de História?

1.2 Justificativa

Devido ao recorte da propriedade privada centrada em algumas mãos possibilitou uma exclusão continua de muitas famílias. O latifundiário além de ter grandes parcelas da terra ainda usurpava a pouca terra daqueles que residiam próximo a fazendo. Os caminhos sempre se cruzam e com isso os impactos eram sempre negativos, deixando muitas famílias entregues a sorte.

A política agrícola brasileira opôs a agricultura familiar, nem os excluídos à posse da terra. Com isso, existiu a resistência para se manter vivo em meio aos contrastes sociais. Neste viés é que pode ser observado os movimentos sociais dentro do contexto com o meio. Neste sentido, o envolvido em contrastes que avança para o meio seja com a exclusão seja com a melhoria para uns. O Sertão alagoano não é diferente dos demais territórios do Brasil.

A constante luta para manter seu espaço não é algo novo, mas que necessita de resistência para colocar em prática os seus ideais. A luta por espaço é sempre para manter a continuidade da sobrevivência e para a vida. O formato dos espaços pela terra procura proporcionaram uma grande diversidade dentro do contexto nacional, assim como desenvolveu uma grande exclusão fundiária.

A grande diversidade de conhecimentos ao qual a população estar inserida é realmente gritante, contudo a seleção destes conteúdos é outra realidade. Com isso a juventude necessita de professores, para que com isso possa expor os assuntos plausíveis para seu aprendizado, as aulas de História pode conotar conteúdos que eleve o seu amadurecimento sobre os movimentos sociais no Alto Sertão alagoano.

Os movimentos sociais nascem no proposito de fazer valer a sua vez e voz dentro dos contrastes do avanço do proprietário da terra. O campesinato não combate o capitalismo, mas trabalha para que possa se manter dentro do sistema, de forma a desenvolver sua produção com qualidade, respeitando a terra de forma harmônica para que seu sustento e seu excedente não seja comprometido, demonstrando que é possível produzir sem agrotóxicos (FERNANDES, 2005).

A capacidade de reflexão da sociedade diante do avanço do interesse do capital demonstra o domínio pelo poder, reflexo de exclusão e garantia dos interesses próprio do latifundiário. Os conflitos vão surgindo com o avanço do povo na procura em mante-se vivo dentro de seu espaço rural.

A tradição dos estudos campesinos nasce como uma tentativa de impedir o desenvolvimento do capitalismo pelas formas de ação social coletiva, cujo objetivo é evitar a desorganização social, exploração econômica e depredação sociocultural que tal processo gerava nas comunidades rurais (GUZMÁN; MOLINA, 2005)

1.3 Objetivos da Pesquisa

1.3.1 Objetivo Geral

Propiciar saberes sobre a realidade e necessidade dos movimentos sociais para o crescimento do Alto Sertão alagoano assim como a cidade de Água Branca, conhecimentos significativos diante de sua reflexão constantemente sobre o fluxo migratório e as mudanças no meio ambiente.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver novos olhares sobre as memórias sociais na cidade de Água Branca;
- Explorar a realidade dos processos educacionais sobre a vivência de luta de classes do município de Água Branca;

- Conhecer a realidade das memórias sociais para o componente curricular de História para o ensino fundamental II, sobre os movimentos sociais no Alto sertão de Alagoas em foco na cidade de Água Branca.

1.4 Materiais e métodos

A metodologia em estudo de campo, em cima de visitas a unidade de movimentos sociais, para apreciação da luta cotidiana deles como o projeto de capoeira Helena da Caiçara e a associação de mulheres artesãs quilombolas Serra das Viúvas na cidade de Água Branca-AL, movimentos que estão atuantes na conservação das origens.

O foco da pesquisa qualitativa não é enumerar ou medir os eventos estudados e nem mesmo empregar instrumentos estatísticos de análise dos dados, mas sim, envolver o processamento de informações descritivas sobre pessoas, envolvidas na pesquisa pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada (GODOY, 1995).

O trabalho avança no sentido da coleta de informações direcionada para a aplicação em aulas do componente curricular da História do ensino fundamental II, para que a instituição escolar possa preservar o conhecimento local, visto que é um trabalho sem valor sentimental para o município, mas que deve ser preservado para que as gerações futuras possam conhecer as suas raízes de forma simples e prática dentro da sala de aula.

Minayo et al (2000), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Para melhor organizar a pesquisa, buscou-se dividir em dois momentos distintos:

- 1) Aspectos teóricos e conceituais sobre os movimentos sociais no Alto Sertão alagoano: Água Branca.

2) As análises e discussões sobre a necessidade de colocar em prática nas aulas do componente curricular de História em evidencia as memórias sociais da cidade de Água Branca-AL.

2 OS CAMINHOS DA TERRA EM ALAGOAS

Alagoas está cercada por fortes questões políticas, dentro da ótica imperialista da indústria da cana de açúcar. A relação social esta em volta de força de trabalho e muita resistência pela vida. A necessidade de trabalhar colocar as famílias sempre em uma realidade de trabalho para a continuidade em se manter vivo. A procura por mais um dia luta que não termina, mas que se inicia sempre (LIMA; SANTOS, 2018).

O avanço da seca é uma característica predominante no semiárido alagoano, onde passa boa parte do ano sem chuvas, a realidade hídrica é complexa, salvo os locais próximo ao rio São Francisco, neste sentido a procura por espaço territorial próximo ao velho chico é benéfico para o sustento e manutenção da vida.

Neste sentido, o poder simbólico da imagem da seca e do clima semiárido como desencadeadores de problemas sociais constitui um poderoso aliado na preservação da fórmula conservadora, apoiada na estratégia de dirigir as soluções dos problemas sociais para medidas que mais reforcem do que reduzam os desequilíbrios estruturais na Região. A coincidência entre seca e morte dos rebanhos, entre seca e fome passou a ser subsumida no discurso regional como relação de causa e efeito. A seca progressivamente deixava de ser percebida como o que realmente é, um fenômeno climático, para tornar-se sujeito das mazelas sociais do território nordestino e parâmetro para suas soluções. De signo da natureza, passou a ser símbolo do território regional e mediação inescapável para apreendê-lo (CASTRO 1991, p. 7).

O sinônimo de resistência passa a ser algo que vai além, procura imediata por medidas que possam abraçar a comunidade. O pedaço da terra passa a ser uma luta pela sobrevivência dentro do contexto da seca, abrindo os desequilíbrios na alimentação da família, caminhos complexos para uma estruturação diante dos desafios em se desenvolver no semiárido alagoano.

A procura por espaço dentro da realidade da sobrevivência do ser humano é claro em meio a lei do mais forte. A conquista por seu espaço de terra sempre foi envolvido em muita luta para possuir e se manter dentro deste espaço. A realidade em adquirir assim como se manter neste espaço é algo político que visa os interesses dos grandes proprietários (LIMA; SANTOS, 2018).

O Semiárido alagoano envolve realidades diferentes, seu contexto humano estar em volta de diferentes processos históricos de migrações, dentre eles a dos povos indígenas, negros rebeldes e pobres livres da região do leste alagoano para o

oeste, além da ocupação por meio de fazendeiros, coronéis, vaqueiros e escravos por meio do Rio São Francisco (ALBUQUERQUE, 2017).

O avanço da população em sentido do território é restrito em virtude do poderio de fazendeiros na posse da terra. O movimento migratório torna-se difícil para conseguir adentrar nestes espaços. O avanço do campesinato aparece no sentido do trabalhador que participa do corte da cana, neste sentido começa a firmar raízes nos locais de não interesse do proprietário da terra (LIMA; SANTOS, 2018).

A necessidade de desenvolver o seu sustento é real, com isso o campesinato avança para tentar conseguir um pedaço de terra próximo ao corte da cana, com isso era possível mediante acordos. Com isso, facilitava a vida do proprietário da terra, essa relação dificilmente era amigável, com contendas, contudo aqueles que necessitavam tinha que trabalhar para conseguir seu espaço (SILVA, 2016).

A disputa por seu espaço é mais difícil, mas necessário para que possa firmar sua família com segurança, na realidade do campo sempre é complexa devido a ausência do Estado, garantindo sempre na força pelo dono do canavial. Os espaços adquiridos pelo campesinato era aqueles que não eram de serventia para o dono do empreendimento (CASTRO, 1991).

A necessidade de trabalhar em meio aos contrastes de manter sua família em um ambiente seguro deixa o homem do campo com as mãos atadas. O trabalho pesado e com horas extensivas para manter a produção do dono da terra em dia, trabalho esse praticamente em uma realidade não finita, mas que necessita da atenção do homem para que a sua realidade possa sempre ser melhorada (LIMA; SANTOS, 2018).

Para que os dominados se emancipem, precisam formar e organizar a sua classe, reconhecer a existência de seu oposto que é a classe dominante, e, a partir disso, procurar através da luta, ocupar o seu lugar, ultrapassar a natureza da dominação burguesa, minoritária, e instituir a democracia da maioria para a maioria, pondo em movimento a lei da dialética da quantidade e qualidade. Uma classe é a condição para a existência da outra na luta da própria superação (BOGO, 2008. p. 10).

Quando falamos em classe trabalhadora, não estamos pensando apenas no proletariado e toda a complexidade presente em torno do mesmo, mas na possibilidade de entendermos enquanto classe, não apenas o proletariado, mas os camponeses, indígenas, quilombolas, terceirizados, subempregados,

desempregados, e todos aqueles que de uma forma ou de outra, mesmo que em diferentes condições, de vender sua força de trabalho (THOMAZ JUNIOR, 2006).

O processo do trabalho é a necessidade de colocar em prática o seu tempo para gerir obrigações para o patrão, com isso você terá um valor geral mensal para que você possa se manter e continuar sempre voltando para sua labuta, obedecendo aos interesses do patrão, com isso o capital vai avançando sempre dentro de uma ótica de melhoria para o próprio patrão, já para a classe trabalhadora dificilmente renderá mais que o sustento (CASTRO, 1991).

O capital é excludente, se não tem recursos ou algo a ser oferecido como conhecimento especializado dificilmente adentrar a cúpula central dos interesses financeiro. O financeiro necessita de adeptos para por em prática suas necessidades, sempre com a maior parte seja do lucro, seja de um todo, mas que possa demonstrar que manda e comanda os meios de produção, neste sentido a classe menos favorecida fica com o desenvolvimento das produções (BOGO, 2008).

Neste sentido pode observar como Thomaz Junior (2013), descreve muito interessante sobre esse século e que as mutações do sistema capital diante dos menos afortunados o deixam de lado para comandar os interesses de alguns, para os demais a racionalização do meio, tendo assim que investir para conseguir trabalhar, deixando praticamente que o patrão fique com tudo.

O avanço das práticas predatórias do capital sobre o trabalho tem crescido no século XXI, bem como o processo que identifica a especificidade e a irracionalidade sistêmica do capital que se apreende mediante a intensificação da fragmentação e heterogeneização do trabalho e da classe trabalhadora (THOMAZ JUNIOR, 2013).

Os conflitos que os movimentos pela terra produzem, adentra a sua necessidade de sobrevivência diante daqueles que possui milhares de hectares de terra improdutiva, sempre visam o lucro “os conflitos de interesses ou de demandas pontuais no interior dos subsistemas nos quais atuam e se vinculam diretamente às disputas relacionadas à forma de organização da vida em sociedade” (LIMA; SANTOS, 2018, p. 10).

O avanço social é demonstração da necessidade de evolução, sempre colocando as claras a manutenção para a resistência dentro da ótica em avanço com o trabalho no campo. Mas sempre em volta de ações coletivas que direcionava

o interesse dos envolvidos, movimento que sempre feriu com a figura do patrão, não deixando que esses movimentos agissem de forma ativa, mas sempre na forma oculta da noite (DIANI; BISON, 2010).

vemos os processos de movimento social como exemplos de ação coletiva com clara orientação para o conflito com relação a oponentes sociais e políticos específicos, conduzida no contexto de densas redes interorganizacionais, por atores ligados por solidariedades e identidades compartilhadas que precedem e sobrevivem a coalizões e campanhas específicas (...). Em primeiro lugar, a experiência dos movimentos sociais está inextricavelmente ligada à expressão pública de um conflito social. A ação coletiva não somente se orienta para o trato de problemas coletivos, para corrigir injustiças, conquistar bens públicos, atacar fontes de descontentamento, ou expressar apoio a certos valores ou princípios morais; ela o faz identificando alvos para os esforços coletivos, especificamente articulados em termos sociais ou políticos (DIANI; BISON 2010, p. 221).

Alagoas não foi diferente da realidade brasileira em se tratando dos confrontos pela terra, as oposições sociais é uma ferramenta utilizada dentro da realidade pela posse da terra, o crescimento dentro desta verticalidade fere o movimento em progredir em desenvolver esse movimento social. Contudo o avanço é necessário para a sobrevivência do meio social (LIMA; SANTOS, 2018).

Alagoas teve e tem conflito pela terra, não é algo visto como no passado, mas famílias que detêm a posse da terra, que são terras improdutivas, que simplesmente segue aos interesses do capital para que possa valorar sua propriedade diante de jogos de interesses e investimentos do Estado indiretamente para favorecimento de terceiros, com isso fortalece os meios de sustento do patrão (BOGO, 2008).

O capital sempre estar em processo de renovação para que não pereça, mas possa ser estabelecido conforme as novas variações que ocorram com a sociedade, neste sentido o capital força para que todos possam ter o uso da terra e estar se reciclando ou se preparando diariamente para que possa ser introduzido nas esferas do trabalho, para que possam demonstrar destreza e rapidez em melhorar os investimentos do patrão.

Em meio aos contrastes do capital pode ser visualizado não só em Alagoas como nas demais partes da federação esse avançar da mais valia para alguns produtos e com isso favorece a interesses de uma classe enquanto uma grande maioria sofre com o baixo consumo. Essa relação de impor é uma forma de controlar os interesses de uma sociedade para que não avance, não encontre outros caminhos para que sempre possa depender do patrão.

Essa forma de pressão do sistema é invisível para aqueles que não querem perceber os meios indiretos que estão centrados no interesse em avançar para se manter dentro dos negócios, assim como manter a posse ativa das terras. Manipulando quem pode ou não avançar socialmente, sempre traçado dentro dos interesses, seja político, seja social, mas que possa atender essa necessidade para o consumismo (BOGO, 2008).

Com isso gera conflitos de interesses para que as aberturas possam acontecer, mas sempre estão centrados no que realmente possam avançar em novas realidades para que exista o interesse da grande maioria e consumir para que o dono possa estabelecer suas metas diante deste recorte temporal, o avanço na posse da terra se renovou e sempre estar com novas roupagens para que possa fugir dos confrontos, mas existe sempre as brechas para que esse público possa ser controlado (THOMAZ JUNIOR, 2013).

Os conflitos acontecem no sentido de promover um olhar público sobre o que realmente esta acontecendo naquele recorte territorial, ato que aflora os mecanismos de defesa. Momento que necessita atenção diante das demandas, verticalidade de poder e predominância de força sobre os oprimidos. Uma crescente sempre se instaura dentro do contexto social vigente (THOMAZ JUNIOR, 2013).

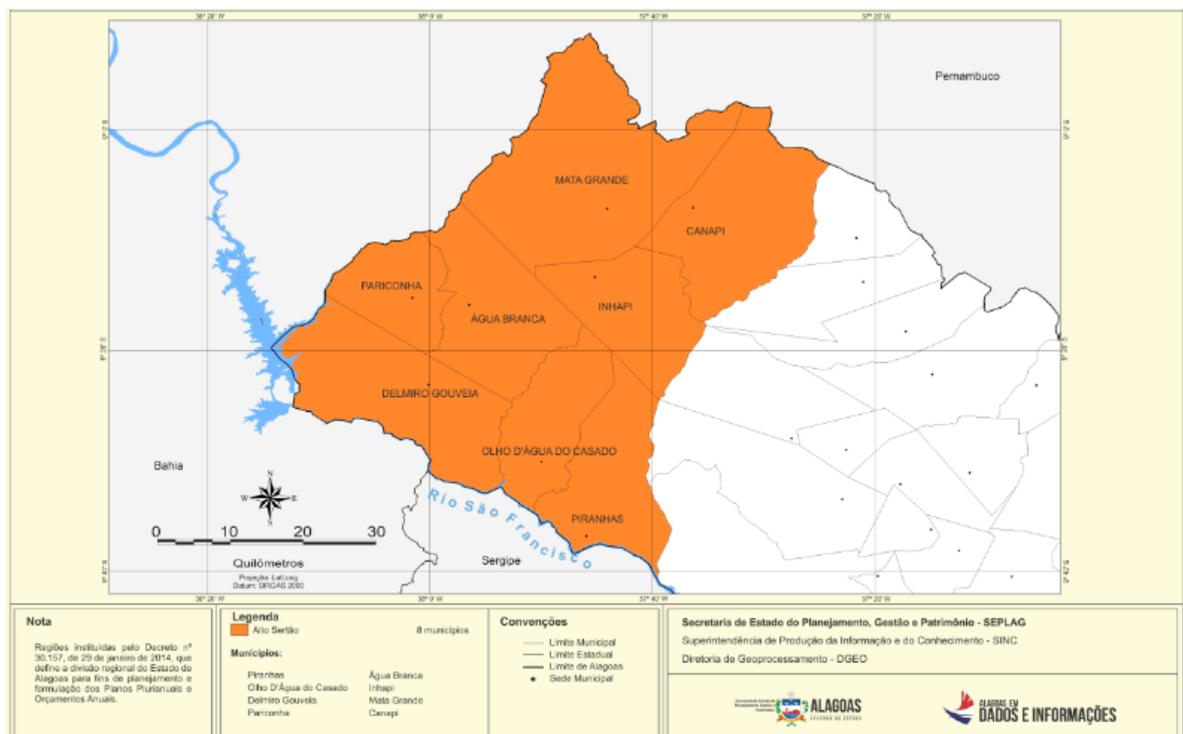
No estado de Alagoas ainda impera o plantio da cana-de-açúcar, enormes propriedades para manter ativa a monocultura sucroalcooleira, que estabelece o foco dentro e fora na entrada de capital, seja com a manipulação dos interesses de sempre estarem em evidencia, seja para controlar a mão de obra, que com isso acarreta uma grande parcela da população ativa (SILVA, 2016).

Visto que o fluxo migratório persiste até o presente momento colocando muitos a desenvolver esse movimento sazonal para atender os interesses do capital. Seja para sustento da família que não estar com sua renda, seja para que estabeleça essa forma de trabalho laboral de não de obra barata. Sendo um serviço insalubre e com alto risco de corte, o canavial sempre foi sinônimo de luta e resistência, visto que em período de escravidão no Brasil que tomava de conta desta realidade da cana era os negros (CASTRO, 1991).

3 A SECA É UM FATOR CLIMÁTICO DO ALTO SERTÃO

O Alto Sertão alagoano, região composta por 8 municípios (Água Branca, Canapi, Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande, Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas), possuindo uma área de 3.973,713 km², que corresponde a 12,49% do território alagoano (IBGE, 2020). No tocante à demografia, 178.973 pessoas residem na região, o equivalente a 5,07% do total da população de Alagoas (IBGE, 2020).

Mapa 1: Região do Alto Sertão Alagoano



Fonte: dados.al.gov.br¹

Conforme Souza e Santos (2015), o Sertão alagoano destaca-se pelo seu fator cultural, encontrado nas comunidades tradicionais, referente ao modo de vida dessas populações, construídos por meio de diversas influências, já que essa mesorregião foi historicamente povoada por meio de diversos fluxos migratórios. Que sempre procuraram melhorias dentro dos espaços, seja para a família, seja para produzir seus alimentos.

A variação climática não é muita neste contexto do Alto Sertão, se firma por longos períodos de estiagem, pancadas de chuvas em alguns meses com um

¹ https://dados.al.gov.br/catalogo/lt/dataset/mapas-de-caracterizacao-territorial/resource/c2e057b6-78b9-4c5c-92d5-0b1743a5dd0e?inner_span=True

inverno pequeno nos meses de maio a agosto, não definido isso varia muito de ano a ano. Com isso o camponês sofre para se manter nestes períodos de estiagens. Essa escassez é característico do clima semiárido que abraça muitas destas cidades citadas no mapa à cima (AB'SABER, 1999).

[...]baixos níveis de umidade, escassez de chuvas anuais, irregularidade no ritmo das precipitações ao longo dos anos; prolongados períodos de carência hídrica; solos problemáticos tanto do ponto de vista físico quanto do geoquímico (solos parcialmente salinos, solos carbonáticos) e ausência de rios perenes, sobretudo no que se refere às drenagens autóctones. (AB'SABER, 1999, p.7).

Na visão de Ab'Saber (1999), essa região sofre com esses períodos de escassez das chuvas, mas ao mesmo tempo vem se trabalhando para conviver com a seca, com sistemas com capacidade para grandes volumes, assim como barragens e açudes vem promovendo um melhor impacto tanto para a população como para os animais nestas regiões assistidas pelos programas.

Em outras realidades do Alto Sertão onde o Estado não se faz presente diante do fluxo migratório é fortalecido para que exista demandas a serem cumpridas, com isso o fortalecimento e baixo valor sobre a mão de obra, cabendo ao patrão falar mais fortemente diante da realidade do “boia-fria”, visto que é uma realidade por onde existe usina de cana de açúcar (LIMA; SANTOS, 2018).

O migrar é real até nos dias de hoje, seja em virtude dos fatores climáticos, seja por relação de melhores condições de vida, campo ou cidade, mas que se procura estabelecer uma vida mais prazerosa. O migrar seja ele pendular ou sazonal tem suas relações em que procura suprir a demanda de uma familiar que mantém ali a espera daquele que saiu em procura de melhorias financeiras (BOGO, 2008).

Esse realidade do sertão alagoano onde muitos procuram estabelecer um fluxo que as vezes não tem raízes com isso esse que viaja para trabalhar fora não volta mais. Abandona toda a sua realidade familiar do sertão e cria outras realidades onde esteja fazendo moradia. A Serra das Viúvas tem essa característica, mas que elas vem demonstrando sua resistência enquanto mulher (LIMA; SANTOS, 2018).

A comunidade Serra das Viúvas é símbolo de resistência diante do avançar das décadas, sempre se mantendo, mesmo sem seus maridos, conseguem manter a família, com vendas de artesanato e colocando seu roçado em épocas apropriadas, assim como a fabricação da farinha de mandioca e seus derivados, demonstrando força e coragem para trabalhar (ROMERO, 2014).

Essa comunidade procura expor suas raízes para aqueles que os procuram, demonstrando que são remanescentes de quilombolas, e persistir é uma forma de manter viva a sua essência, dando novos rumos e procurando romper com as mazelas do atraso, mas trabalhando arduamente para que o sustento não possa faltar na mesa, mas sempre poderem resistir seja com adversidades ou não (MELO, 2021).

4 O CAMPESINATO EM ÁGUA BRANCA

A moradia é sempre um sonho para o homem do campo, tem na realidade da terra o seu sustento e manutenção de sua tradição, seja com a terra seja com os seus valores culturais e religiosos. Com isso o vínculo é sempre algo interessante de ser apreciado e mantido dentro do contexto familiar e com a sua comunidade, as raízes tradicionais é sempre difícil de ser compreendido, mas deve ser mantido.

O campesinato da cidade de Água Branca–AL não é diferente, a sua luta em manter-se firme para ter o seu espaço social no campo sempre foi conturbada, seja pelo coronel, seja pela dura vida em se manter no Alto Sertão alagoano. O avanço vai acontecendo, mas de forma a somar com a vontade de persistir firme com as melhorias e adaptações com a terra (SOUZA, 2020).

Esse processo contínuo de adaptação vem proporcionando olhares mais atentos aos fatores climáticos e sociais, que com isso vai construindo novos pontos para serem trabalhado com a terra, com isso o campesinato vai se reciclando para que não possa ser extinto mais possa resistir e desenvolver sua família dentro de sua realidade com a terra e a força de continuar ativamente livre (MELO, 2021).

A fixação do homem deu-se a partir da propriedade da terra e do direito de explorá-la, o que inicialmente foi feito com o trabalho escravo e depois por outras formas atuais, que não se diferenciam muito da primeira. Outro importante elemento, o modo de produção, desenvolvido nessas áreas vulneráveis, agravou as condições ambientais e tornou mais frequentes e prolongados os períodos de estiagem (AUGUSTO, 2003, p. 60).

Essa necessidade de fixar um local para se manter e manter os seus deixou o ser mais vulnerável no sentido de violência, porém o deixou mais forte em se tratando de precaução diante dos processos evolutivos do mundo selvagem. Com a escolha de seu pedaço de terra facilitou essa forma de atuação diante do novo que esta por vim, com isso demonstrou o seu senso de responsabilidade e compromisso com os mais fracos de seu local (AUGUSTO, 2003).

A princípio o homem passa um tempo de uma determinada região, quando não tinha mais o que extrair passava para outros pontos diante da sua realidade de sobrevivência, sempre migrando para conseguir melhores caças, pescas para que com isso pudesse realmente ser forte diante das diferentes adversidades em que apareceria em sua frente (SILVA, 2020).

Com isso passa para outras fases de sua vida e evolui para fixar moradia com os seus, cultivando e criando animais para que não lhe falte alimentos no período de estiagem, assim como diante dos invernos. Neste sentido o cultivo com a terra passa ser algo real, que necessita da atenção, para que existisse sempre o compromisso em melhorar a relação do homem com a terra (NASCIMENTO, 2023).

A região que corresponde à cidade de Água Branca foi maior e com isso atraía outros em virtude de suas áreas com água em virtude de suas nascentes, assim como sua altitude privilegiava muito para firmar moradia, assim como para desenvolver cultivo de muitas sementes. Esse cuidado com a terra veio se firmando diante do cuidar para sempre ter diante das gerações que viesse.

O campesinato da Serra das Viúvas é sinônimo de luta de se manter firme e avançar para que a vida não retroaja, mas possa avançar diante dos mecanismos sociais com a terra. Essa realidade do povo quilombola que persiste demonstra presença e conservação de suas raízes dentro do seu espaço social, fortalecendo sempre a natureza de manutenção com a terra.

A Serra das Viúvas fica aproximadamente a 4 Km do centro de Água Branca, comunidade quilombola que vive dentro de uma realidade do campesinato, onde muitos tem o bolsa família, a agricultura familiar, produção da farinha de mandioca e o artesanato, onde procuram de manter para que as futuras gerações possam desenvolver sempre esta cultura.

O camponês deve ser visto como um trabalhador que, mesmo expulso da terra, com frequência a ela retorna, ainda que para isso tenha que (e)migrar. Dessa forma, ele retorna à terra mesmo que distante de sua região de origem. É por isso que boa parte da história do campesinato sob o capitalismo é uma história de (e)migrações (OLIVEIRA, 2007, p. 11).

A luta pela terra é uma realidade antiga, que sempre esteve em volta de alguns que necessitavam e outros que a tinham, que com isso comandava o grande contingente que carece de espaço para o plantio na terra. A carência de terra e sementes, como também chuvas coloca o camponês em situação complexa, que adentra na realidade da migração.

Essa desigualdade social da terra estar dentro do movimento de conquistas por territórios, neste sentido o social é deixado de lado para o avanço dos interesses de alguns. Movimentação essa que é bem definida no sentido da escravidão dos negros, que era obrigados a trabalhar para uma minoria. Dentro desta sociedade se

compreendia e aceitava essa opressão a outro ser humano, em virtude da sua tonalidade de cor.

[...] as suas técnicas, a suas histórias e a sua identidade coletiva- surge como algo que sempre foi assim. Mas isso é apenas uma aparência, resultado do contínuo esborratar que acompanha a transformação da memória. O processo de transformação numa comunidade agrária tradicional pode ser lento; apesar disso, essas comunidades não ficam fora da história (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 241).

Segundo Gonçalves (2005) a apropriação desigual das terras é e sempre foi um dos fatores principais e responsável pela maioria dos conflitos sociais existentes no Brasil, onde a origem está na desigualdade de poder político, econômico e de prestígio na sociedade brasileira como um todo.

A formulação da terra sempre esteve em conjunto dos interesses do capitalismo, que sempre impera nas medidas para conter o fluxo de capital. O avanço, neste sentido ficava sempre centrado no latifundiário, que com isso determinava como se desenvolveria a comunidade que estava contida em seus limites. A posse era sempre regida pelo fazendeiro do local, dando assim um olhar mais atento para os lotes de terra em sua comunidade.

O pequeno campesinato visava retirar da terra o seu sustento, garantia de sobrevivência da família. O seu interesse sempre era para a manutenção da vida de sua prole. Dificilmente ele tinha alguma coisa para vender na feira, muito das vezes fazia a própria troca com o vizinho. A produção é voltada a subsistência familiar e para dentro da comunidade, além da pequena comercialização, principalmente em feiras livres semanais (LUSA, 2013).

Essa forma de subsistência vem sendo administrada há muitas gerações, visto que o importante é a continuidade da tradição cultural deste povo guerreiro que não forje da luta diária, sempre procurando meios de sobreviver e manter viva dentro dos costumes deste povo na comunidade da Serra das Viúvas.

O plantio do feijão e milho é dentro da realidade da agricultura familiar, com as sementes preservadas (crioulas) não alterada ou modificada, que é guardada de geração para geração, com isso retira o que dar para passar o ano e o restante é comercializado. Com isso tem uma pequena renda, neste sentido sempre estão sobrevivendo dentro de suas posses, não baixando a cabeça, sempre ativas para com o novo (SOUZA, 2020).

As sementes crioulas formam um patrimônio gênico único, pois as possíveis alterações genéticas, contraídas ao longo de séculos, decorreram de sua relação com o próprio ambiente, ou seja, in situ, sem ingerência externa. Seu rendimento junto ao solo, ao clima, às plantas ruderais ou adventícias, às pragas e aos insetos, enfim, ao ecossistema é de amplo conhecimento dos camponeses (LIMA; SANTOS, 2018, p.196-197).

Esse formato de administração das sementes estão no sentido da qualidade e forma de aplicação delas com o manejo com a terra, essa ação não é feita simplesmente mas trabalhada dentro de processos para que a ação possa ser positiva. Neste sentido estão sempre administrando dentro realidade da comunidade. Trabalhando em parceria com as demais mulheres para que a produção das sementes possa ser sempre de qualidade. Esse cuidado é primordial para os resultados.

A abertura do Canal do Sertão para algumas cidades alagoanas demonstrou o poderio ainda do Rio São Francisco, assim como a esperança para muitos sertanejos que tem um pedaço de terra por onde essa gigantesca obra veio a passar. Contudo o favoritismo dentro do desenvolvimento da estrutura do concreto foi direcionada sempre para aqueles que tem terras não produtivas, valorizando sempre mais o poderio destes (SILVA, 2016).

A ausência das chuvas é um fator climático que vem ocorrendo cada vez mais com frequência, com isso não sem tem mais um mês definido para desenvolver o corte da terra com isso a necessidade de melhorias e visão de quando ocorrerá as trombas d'água que é típica das áreas secas, para que possa desenvolver o corte da terra (SILVA, 2020).

Para minimizar os impactos da seca diante dos meses mais intensos do verão a retirada da água do Canal do Sertão para muitos camponeses desta região é essencial para a sobrevivência, assim como para o abastecimento das residências através da concessionaria que equipou com unidades espalhadas para coletar essa água bruta e deixa-la própria para o consumo humano (SILVA, 2016).

Esse empreendimento do Governo Federal e Estadual movimentou e movimenta muitos recursos diante das demandas da população alagoana, com as outorgas, com as manutenções e distribuição com as águas do sertão/Casal para as variadas regiões das cidades, com isso impossibilitando a falta d'água nestas cidades, realidade que melhorou a vida destes sertanejos (SILVA, 2016).

A água foi e sempre será um meio riquíssimo de manipular uma população, visto que é um bem precioso e que todos necessitam, porém poucos preservam com isso os impactos sempre são muitos, deixando sequelas onde o tempo desenvolverá respostas, visto que é uma realidade em todas as partes do mundo, contudo esse canal do sertão tem provocado melhorias por onde vem passando (LIMA; SANTOS, 2018).

O Canal do Sertão em Alagoas é a maior obra hídrica alcançada pelo Governo do Estado de Alagoas em conjunto com o Governo Federal, sendo a segunda do país, atrás apenas da transposição do São Francisco. O referido canal tem como objetivo acrescer a disponibilidade hídrica do Sertão e do Agreste alagoano, que são áreas atingidas pelas constantes secas ou por baixos índices pluviométricos, em consequência de sua localização geográfica, isto é, na região semiárida nordestina (SILVA, 2016, p. 53).

O Canal teve e tem suas questões políticas de jogo de interesses, contudo boa parte de seu projeto foi realizado, dando outro olhar e profundidade para conviver com a seca. É um verdadeiro braço do Rio São Francisco artificial, mas que vem trazendo progresso por onde vem passando, melhorou e pode vir a melhorar cada vez mais a realidade destas cidades. Vale mencionar que o Canal do Sertão ainda não foi concluído, sua extensão total será de 250 km, atravessará 42 municípios, de Delmiro Gouveia - Alto Sertão, até Arapiraca – Agreste (SILVA, 2016).

4.1 A necessidade de ensinar para as futuras gerações sobre a memória e a história dos movimentos sociais

A educação é algo que sempre tem seu sentido de liberdade como ensinou Paulo Freire, a necessidade de ensinar para as futuras gerações sobre os movimentos sociais que sempre articularam por seus direitos é sinônimo de vida, continuidade, resistência para que possa demonstrar como um ser ativo que necessita de seu espaço no meio social e que merece respeito.

As melhorias estão sem volta destas resistências, visto que quando se baixa a cabeça dificilmente alcançará alguma coisa, mas simplesmente em manter-se firme diante da opressão e demonstrar que estar pronto para luta diária, que sempre estar confrontando com os meios do sistema financeiro ou estatal que não mede esforços em controlar as massas (MARQUES; MENDES; SILVA, 2012).

Foto 1: Frente da associação



Fonte: Melo (2023)

O artesanato, a plantação, o uso da casa de farinha, assim como o seu aluguel para quem não é da comunidade e as distribuições de trabalho destas guerreiras são discutidos dentro da instituição para que todas possam expor suas opiniões e chegarem a um consenso diante do que esteja necessitando para a comunidade. A associação tem esse formato de organização para a melhorias das mulheres quilombolas, quando estão centradas em desenvolver os encontros mensais ou trazer pessoas de qualquer órgão do governo para solicitar alguma modificação para a comunidade (ROMERO, 2014).

A associação tem 49 mulheres associadas, seja trabalhando independente, seja em parceria com as demais, produzem artesanatos, com palha de Ouricuri, cipó, palha da bananeira e tricô vivem, também produzem na agricultura como o plantio da mandioca para a produção da farinha, massa da tapioca, e o beju na palha da bananeira. Essas mulheres vivem do que a terra dar, com isso beneficia e vende tanto na associação, feira livre e feiras culturais (MELO, 2021).

Temos ai abaixo à foto de uma artesã no processo da separação da palha do Ouricuri, para poder transformar essa matéria verde em produção artesanal, dando sentido aos entrançados pelas mãos e olhos atentos tanto na escolha do material no

tempo certo como na espera para a produção das peças que irá se torna um meio de comercializada e dar um sustento para essas mulheres.

Foto 2: seleção das palhas de Ouricuri



Fonte: Melo (2023)

A associação AMAQUI, tem parceria com AGENDHA, que é a Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agro Ecologia, que passam por desenvolvimento sócio educativo para essas mulheres desenvolverem um trabalho ecológico, retirando aquilo que a mata dar, em seu tempo para que nunca falte, com isso só retira as parte que pode da copa para que a arvore não deixe de produzir (SOUZA, 2020).

O saber cuidar é bem tratado por o Leonardo Boff (1999), que retrata o uso, mas de forma equilibrada, para quando necessitar sempre ter, garantindo que as novas gerações possam utilizar destes recursos, sempre com melhorias e conservação, que só reflete sinais de melhorias diante do novo.

Foto 3: parte interna da casa de farinha onde existe a queima



Fonte: Melo (2023)

As palhas de Ouricuri são guardadas dentro da casa de farinha como consta na foto acima, segundo as quilombolas para a melhor conservação das fibras, elas afirmam que elas não se desgasta facilmente em temperaturas mais quentes, em virtude do forno para queima da farinha, com isso ajuda para ter melhor resistência, e destreza no uso da fibra do ouricurizeiro. É um trabalho coletivo, mas cada uma tem suas obrigações, dando assim uma melhor qualidade no produto final (LIMA, 2018).

Foto 4: temos ai uma prensa que é utilizada para ajudar na secagem da lavagem da macaxeira antes de ir ao forno



Fonte: Melo (2023)

As palhas de bananeiras da parte da sua composição como é exposta na foto acima também fica na casa de farinha para receber a temperatura do forno para que possa ser uma secagem mais ativa, mantendo sua real aparência e não estragando, essa técnica é utilizada para a preservação da fibra que será utilizada para a confecção de esteiras, que era utilizada para as pessoas dormirem, no hoje é utilizada como objeto de decoração (SILVA, 2020).

A seleção da matéria prima no período certo, assim como sua secagem para dar início ao processo de confecção do artesanato. Essa produção desenvolve, chapéis, tapetes, cestos, bolsas e muitas coisas que pode ser feita para utilização de um lar ou simplesmente utilizar no dia-a-dia de forma diferenciada. Assim elas trabalham também com a palha da bananeira para a confecção das esteiras. Outras fibras que elas trabalham é o cipó na confecção dos cestos, tendo o mesmo uma ótima resistência para carregar frutas ou qualquer outro objeto pesado (NASCIMENTO; LIBARDI, 2023).

A forma de trabalhar com esse artesanato com as mulheres da Serra das Viúvas é para complementar a renda, mas para outras é a única renda, com isso sempre estão fazendo alguma coisa para irem se entretendo. O artesanato possibilita essa aproximação e ter novas ideias com as outras mulheres da comunidade, seja na inovação de novas formas de bolsas de Ouricuri com alguns apliques de crochê, dando assim um olhar a mais quando aparecem os turistas (LIMA, 2018).

Essa cultura do artesanato é passada para os mais novos, com isso vem trazendo as novas realidades com a mistura do tradicional com o novo, não para mudar o tradicional, mas para inovar e trazer novos clientes, visto que a comercialização é parte da vida da associação da Serra das Viúvas, de mostra suas raízes africanas de forma objetiva para todos que procuram as mulheres da AMAQUI (SILVA, 2022).

Foto 5: Um pouco do que é produzido na casa da matriarca da comunidade



Fonte: Melo (2023)

Maria Izabel confecciona suas peças em sua residência para ter melhor comodidade e destreza com os afazeres doméstico, trabalhando sempre que pode, com isso faz os seus produtos e depois direciona para a sede quando está necessitando de mais peças, com isso o restante fica em sua residência, em virtude de ser a mais velha sempre vem pessoas de diversas áreas do conhecimento a conversar com ela por informações sobre os envolvidos nesta resistência (MELO, 2021).

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional (JOUTARD, 2000, p.34).

O trabalho com a palha do Ouricuri é passado de geração para geração, sempre dos mais velhos para os mais novos, onde irão aprender e desenvolve no retirar da palha para não matar a planta, algumas das peças podem fazer com a palha verde, outras necessitam o processo de secagem para o confeccionamento. As técnicas de confeccionar as peças e criatividade ficando a cargo das mulheres como Maria Izabel de 83 anos, consta na foto abaixo (MELO, 2021).

A dona Izabel tem experiência de vida, mesmo vivendo distante dos grandes centro sabe como a vida é por lá, com isso passa para aqueles que necessitam migrar a procura de renda, diante dos cuidados, visto que não é igual por aqui, sempre ter respeito para que seja respeitado, trabalhar juntar seu dinheiro e voltar

para seu sertão, por aqui terá uma vida tranquila, diferente da cidade grande (ROMERO, 2014).

Ela em muitas das situações fica a cargo de contar um pouco da história do seu tempo, demonstrando um pouco da realidade que era e como vem acontecendo essas mudanças para a comunidade, umas para bom outras nem tanto, mas é o progresso e a comunidade não pode ficar de fora, tem que preservar as raízes culturais e acompanhar com o novo, para que possam sobreviver (NASCIMENTO; LIBARDI, 2023).

Tratam-se de saberes de experiência que foram adquiridos ou socializados nos fazeres cotidianos de homens e mulheres, que por serem sujeitos da práxis, constroem seus projetos de vida, resistem e “tecem representações sobre o mundo vivenciado” (OLIVEIRA, 2008, p.64)

Essas mulheres são ativas, guerreiras que estão prontas para lutar por os interesses da comunidade, desenvolvendo ações a favor do meio ambiente como aplicação de cipó em cadeiras de balanço, reutilização de pneus velhos para puffs, decoram e fica ótimo para o uso, são ações desenvolvidas durante o ano inteiro, não simplesmente para a culminância de um projeto, mas para melhorias da vida da comunidade (LIMA, 2018).

Essa forma de trabalho dentro da comunidade deixa vivo neles e para os demais que as visitam para compreenderem o que realmente importa é seu povo, que deve expor para todos que precisam de respeito e continuarem a viver dentro da sua forma de vida e com isso possam ter respeito é não aconteça preconceito, mas respeito diante da sua realidade enquanto pessoa e principalmente por serem brasileiros (SILVA, 2020).

4.2 A casa de farinha comunitária

O trabalho com o plantio da mandioca é essencial para as famílias da Serra das Viúvas, visto que estar dentro de uma realidade social com a terra, essa comunidade planta e foca em sua colheita, cada família faz seu roçado ou ajuda outro morador, sempre dispostos para que a roça possa oferecer bons frutos e com qualidade, limpando os espaços para que as pragas não prejudiquem o roçado (MELO, 2021).

Depois de arrancá-las, as mulheres [...] secam-nas ao fogo no [bucan...] ou então as ralam ainda frescas sobre uma prancha de madeira, cravejada de pedrinhas pontudas [...]. Para preparar essa farinha usam as mulheres brasileiras grandes e amplas frigideiras de barro, com a capacidade de mais de um alqueire e que elas mesmas fabricam com muito jeito, põem-na no fogo com certa porção de farinha dentro e não cessam de mexê-la [...] até que a farinha assim cozida tome a forma de granizos e confeitos. (PEDROZA, 2014, p. 17)

Produzir uma farinha da serra de qualidade que possa supri a comunidade, e quando existe o excedente acontecerá a venda nas feiras livre, assim como em mercados da região, dando assim um olhar mais humano possível para as relações dentro da comunidade com os mais novos para que possa ir desenvolvendo essa cultura, mesmo que de forma mais condizente com a realidade deles, mas que possam por em prática sempre que necessário (MELO, 2021).

Visto que no passado era simplesmente a farinha da serra que sustentava muitas das famílias. Feliz a família que tinha farinha da serra para alimentar sua família, com isso é que os mais velhos falam do cuidado uns com os outros para que possam sobreviver sem sofrimento e lembrando do passado daqueles que já foram diante das dificuldades e conquistas para que eles estivessem por aqui (MARQUES; MENDES; SILVA, 2012).

A associação mantém ativa a casa de farinha para o processo de fabricação da farinha da serra, massa para tapioca, massa para bolos, que sempre estão presentes nas feiras da cidade de Água Branca, Delmiro Gouveia, Pariconha e Mata Grande, visto que são produtos muito bem aceitos por onde é exposto (NASCIMENTO; LIBARDI, 2023).

A função de uma casa de farinha de uma comunidade comunitária, tem sua função social, que sempre juntam diversas pessoas, não simplesmente para fazer o trabalho com a mandioca, mas existe o dialogo diante de diversos assuntos sobre as pessoas que ali convivem, com isso procuram trocar informações ou ajudarem uns aos outros no que podem (SILVA, 2020).

Foto 7: Em momento de não uso da casa de farinha



Fonte: Melo (2023)

A casa de farinha para os quilombolas da Serra das Viúvas é um símbolo de resistência, visto que para eles foi uma conquista dentro deste espaço da terra, terra com grande complicação com a família tradicional da época, mas conseguiram resistir e ter um local para desenvolver sua lavoura e se unirem para desenvolver seus trabalhos para produzir a farinha e seus derivados (SILVA, 2020).

Essa forma de interação é proveitosa, garante os laços afetivos familiares entre a comunidade, que sempre poderá contar com o outro, sempre dentro de momentos de descontração, assim como colocando em foco assuntos realmente necessário para a comunidade, trabalhando e produzindo os meios necessários para atingir a produção da farinha da serra (SOUZA, 2020).

Foto 8: Dentro da casa de farinha com a visão das fibras da bananeira



Fonte: Melo (2023)

Essa foto acima consegue retratar muitas realidades da força de trabalho que essa comunidade desenvolve, seja com o uso da fibra da bananeira, para confecção de artesanatos seja para a relação de trabalho dentro da casa de farinha, que com os dias essas mulheres desenvolve o avançar no processo laboral para a comunidade serra das Viúvas (SOUZA, 2020).

A luta das mulheres coloca em pauta não somente o problema da articulação entre vida familiar e vida profissional (questionando, de algum modo, a divisão sexual do trabalho), mas discute também mais globalmente a organização social da vida cotidiana (instalações para uso coletivo, como creches, por exemplo, e descompartmenta os problemas de ordem privada para transformá-los em questões públicas, coletivas, a serem tratadas enquanto tais, na arena política e sindical [...]) (BULPORT, 1986, p. 15).

Esse luta de classe demonstra segurança em seus objetivos em resistir dentro das mudanças do capital. Com isso dentro da casa de farinha continua desenvolvendo um trabalho rustico diante do manejo da mandioca, demonstrando a destreza que vai sendo administrado sempre para os mais velhos, com isso vai sendo trabalhado na realidade da comunidade (NASCIMENTO, LIBARDI, 2023).

A História da Cultura Material estuda os objetos materiais em sua interação com os aspectos mais concretos da vida humana, desdobrando-se por domínios históricos que vão do estudo dos utensílios ao estudo da alimentação, do vestuário, da moradia e das condições materiais do trabalho humano... Contudo, este campo deve examinar não o objeto material tomado em si mesmo, mas sim os seus usos, as suas apropriações sociais, as técnicas envolvidas na sua manipulação, a sua importância econômica e a sua necessidade social e cultural (BARROS, 2010, p. 30).

Nas casas de farinha sempre existiu comemorações depois do processo da farinhada, que traziam sanfoneiros e bebiam e dançavam a noite toda comemorando a safra. Esse é um reflexo cultural de um povo que estar sendo grato pela terra e seu esforço em gerir com respeito e determinação em preservar para sempre ter como produzir sua lavoura (MELO, 2021).

Foto 9: forno da casa de farinha



Fonte: Melo (2023)

Essa ação da casa de farinha envolve toda a comunidade para que seja feita a raspagem da mandioca ao prepara para a farinha com seus derivados, os mais velhos sempre estão ensinando aos mais novos para que se tenha um excelente ponto da farinha da mandioca, que com o passar dos anos cada safra sempre vem demonstrando melhorias, existem percas mais geralmente são poucas (SILVA, 2022)

Esse trabalho é sempre em volta do envolvimento das famílias, sempre um ajudando ao outro para que os processos sejam amenizados. As mulheres não tem essa realidade do menos pesado, sempre trabalhando com quem estar disponível, com isso, todos sabem sempre um pouco do que fazer e quando fazer para que o ponto seja dado na farinha da serra (MELO, 2021).

A história nos conduz à reflexão de que a oralidade, a tradição oral, fortalece as relações entre as pessoas, criando uma rede de transmissão de conhecimentos e modo de vida. As palavras são transformadas em ação, neste ato de contar estabelece-se uma relação de cumplicidade, além de serem repassados conhecimentos (BUENO, 2008, p.4).

Existem dentro da relação de trabalho dentro da casa de farinha os momentos de descontração para que o trabalho não fique enfadonho, mas prazeroso para que possam produzir de forma prazerosa não deixando mais cansativo do que realmente é, neste sentido as brincadeiras e anedotas são feitas neste processo que não é simples, mas que vai sendo administrado dentro da realidade da comunidade (BUENO, 2008).

4.3 Importância do artesanato na memória social da comunidade Serra das Viúvas

A necessidade de garantir o sustento do lar é imprescindível, com isso o trabalho que essas mulheres desenvolvem e expõem para as novas gerações é interessante, visto que colocam os homens quando estão na comunidade para fazer a retirada da palha do Ouricuri ou colher o cipó, com isso fazem o trabalho com os cestos com o cipó, balaios, lamparinas, e demais objetos que possam encantar os turistas (SILVA, 2020).

A venda é certa, tem toda uma essência social para a comunidade, visto que nenhuma peça é igual, mas traz consigo dias de luta e demonstração de resistência perante a vida, essa continuidade é passada para os mais novos. O crochê e a palha estão sendo trabalhada separadamente, assim como na bolsa o aplique de crochê, tendo mais delicadeza e beleza, com isso o comercio avança sempre (LIMA, 2018).

Esses valores econômicos são divididos e às vezes é de uma só pessoa quando tem o seu próprio investimento, visto que existe ainda migração com isso tem dinheiro fora da comunidade, passando a investir a parte. Não são todos que fazem isso só alguns, que já estar vindo de fora, são família, com isso existe essa abertura dentro da comunidade (SILVA, 2020).

O artesanato tem esse valor cultural deste o chapéu de palha ao abano para atizar o fogo de lenha expõe esse laço familiar da Serra das Viúvas, demonstrando a necessidade de estarem juntos para conseguirem vencer, diante do contexto do dia a dia, não sendo uma tarefa fácil, mas esta havendo uma constância na resistência e passando para os mais novos para não abandonar a comunidade, mas ajudar nesta luta (MELO, 2021).

Os laços de família é a base para a comunidade, mesmo que uns migrem tem outros que permanecem ativos e estudando novos meios de formalizar a comunidade quilombola, para ter formalmente o seu espaço de terra, para que possam avançar e concretizar a comunidade dentro do espaço social da cidade de Água Branca (SOUZA, 2020).

É um trabalho ativo da comunidade, mas que depende do Estado para a legalização da comunidade quilombola Serra das Viúvas, que existe há tempos e necessita deste espaço para que suas famílias e tradições possam dar continuidade diante do crescimento das famílias que estão se formando, garantindo o processo cultural para a continuidade nas próximas gerações (SILVA, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhar um pouco da realidade dos movimentos sociais no Sertão de Alagoas é procurar compreender os mecanismos de funcionamento das cidades de interior. O avanço do capitalismo existe, contudo ainda persiste a cultura e os costumes deste povo, sempre diante das oscilações da vida em comunidade, como vem sendo trabalhado a Serra das Viúvas, comunidade simples da cidade de Água Branca.

Em pleno século XXI o Estado ainda não proporcionou o verdadeiro espaço do campesinato, negando assim o seu valor dentro da sociedade, visto que boa parte desta relação de trabalho é quem desenvolve os alimentos da mesa popular, são eles, visto que o agronegócio não produz alimento para as classes menos favorecida, mas produção de *commodities* com intensão de faturar sempre acima do real.

Deve ser sempre estudado essa relação social diante desse avançar, visto que o social é ponto importante para o amadurecimento da comunidade ou não, com isso essa cultura presa por qualidade dos seus dentro da realidade com o novo, que sempre estar avançando para os mecanismos de sempre propor evidencia em sua relação social. O povo Quilombola da Serra das Viúvas procuram trabalhar essa relação do cuidado com a terra, trabalhando ambientalmente correto diante das adversidades com o próprio meio.

A associação é um ponto de referencia para a comunidade diante do seu avançar por melhorias diante do poder público, sempre reivindicam para melhorias de todos enquanto comunidade. Essa ação estar em volta de melhorias para o povo que ali vivem, procurando avançar em seus direitos enquanto brasileiros, visto que essa melhoria para a qualidade de vida estar dentro da Constituição de 1988, sendo um deste direito é a qualidade de vida.

Essa luta por direitos é algo presente por uma escola mais próximo, um posto de saúde, escola, visita de médicos na comunidade, presença do Estado dentro dos direitos básicos para que a qualidade de vida possa ocorrer. São ações que devem estar ativas dentro da comunidade que é um direito de todos, não enquanto quilombolas, mas enquanto brasileiros.

Essa comunidade trabalha ativamente no campo com a cultura do feijão, milho, verduras, macaxeira para a produção da farinha da serra muito conhecida na região, assim como as frutas como manga, acerola, laranja, jaca que é muito comum com a chegada do inverno na Serra de Água Branca. Essa variedade de itens fica entre as famílias, o excedente vai sendo comercializado principalmente nas feiras livres e em alguns supermercados.

Tendo neste sentido o trabalho deles enquanto camponês, contudo estão sempre melhorando cada vez mais com o artesanato, com o trabalho com a palha do Ouricuri, com a bananeira e com o cipó para as diversas peças que podem ser trabalhada com os integrantes da comunidade, que sempre estão ensinando aos mais novos e esses mais novos sempre estão procurando inovar as peças com tricô, bordados e apliques para chamar a atenção principalmente dos turistas que os visitam.

Esse trabalho pedagógico dos mais velhos ensinando os mais novos, torna-se complexo diante do tecnológico, em virtude com o moderno, contudo esse tradicional vem sendo colocado em prática para que a sua tradição não possa ser esquecida, mas preservada diante do crescimento da própria comunidade. Deste processo oral para o escrito vai sendo melhorado essa forma de preservação de um pouco deste povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- Ab'Sáber, A. N. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida . Estudos Avançados, 1999. 13(36), 7-59. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9474>. Acesso em: 05 jun. 2023.
- ALBUQUERQUE, C. F. **Campesinato e Migração em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2017.
- ALVES, Clovis Tadeu. **A Revolução Verde na Mesorregião Noroeste do RS – 1930 - 1970**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013.
- AUGUSTO, Lia Geraldo da Silva. **Uso dos agrotóxicos no semi-árido brasileiro**. In: PERES, Frederico; MOREIRA, Josino Costa. Orgs. *É veneno ou é remédio?: agrotóxicos, saúde e ambiente*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 59-73, 2003.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar, Ética do humano - compaixão pela terra*. EDITORA VOZES, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999. Pág. 199.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- BUENO, Regina de Souza Marques. **O ensino de ciências e as dificuldades das atividades experimentais**. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/23-4.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.
- CASTRO, Iná Elias de. **Natureza, imaginário e a reinvenção do nordeste**. Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 1991.
- DIANI, M.; BISON, I. **Organizações, coalizões e movimentos**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 3, p. 219-250, 2010.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial**. In: _____. *Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2005.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Social memory**: new perspectives on the past. Cambridge: Blackwell, 1992.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. RAE Artigos. Rev. adm. empres. 35 (3), Jun. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>. Acesso em: 03 jun. 2023.

GONÇALVES, R. **Redemarcações das cercas de gênero**: recuo da participação política das mulheres nos assentamentos de reforma agrária. Revista Lutas & Resistências, Londrina, v.1, 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/revista1aedioao/lr226-240.pdf>. Acesso em 12 out. 2022.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla; MOLINA, Manuel González. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Brasília, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **IBGE Cidades**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 out. 2022.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. Apud. FERREIRA, Marieta de Moraes. Et alli; História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

KARTCHEVSKY-BULPORT, A. **Trabalho feminino, trabalho das mulheres**: forças em jogo nas abordagens dos especialistas. In: KARTCHEVSKY-BULPORT, A. O sexo do trabalho. Tradução: Sueli Tomazini Cassal. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986 (Coleção Mulheres em Movimento, v. 1).

LIMA, Lucas Gama; SANTOS, Flávio dos. **No semiárido de Alagoas, a resistência germina na terra: a luta territorial em defesa das sementes crioulas**. Revista NERA. Presidente Prudente, ed.21, v.41, p.192-217, 2018.

LIMA, Izabela Souza Teixeira. **Artesanato da comunidade quilombola Serra das Viúvas**, Água Branca - AL (2010-2018): cultura e/ou sustentabilidade?. 2018. Disponível em: 20 abr. 2024.

LUSA, M. G. **O rural no semiárido e a formação sócio-histórica de Alagoas**. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de; LIMA, José Carlos da Silva; OLIVEIRA, Josival dos Santos (Orgs.). Terra em Alagoas: temas e problemas. Maceió: EDUFAL, 2013, p.345-362.

- MARQUES, A. C. N.; MENDES, C. B.; SILVA, W. C. M. **Pelo direito de ser diferente**: a situação atual das Comunidades Quilombolas em Alagoas, Brasil. *EDUCTE: Revista Científica do Instituto Federal de Alagoas*, v. 3, n. 2, 1 dez. 2012.
- MELO, Clélia dos Santos. **Quilombolas de Alagoas**: Um estudo sobre a estrutura Fundiária e a Reprodução Social das Comunidades Sítio Rolas e Serra das Viúvas. 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8300/1/Quilombolas%20de%20Alagoas%20um%20estudo%20sobre%20a%20estrutura%20fundic3%a1ria%20e%20a%20reprodu%20a7%20social%20das%20comunidades%20S%20a%20dtio%20Rolas%20e%20Serra%20das%20Vi%20c3%bavas.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. **Qualidade de vida e saúde**: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.5, n.1, p.7-18, 2000.
- NASCIMENTO, Maria Thaís Mota do; LIBARDI, Suzana Santos. **Identidade negra/quilombola**: diálogos intergeracionais de autoafirmação em uma comunidade do sertão nordestino. *Revista Brasileira de Educação*. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ScJKqwcVT779N4X3SrNRGRP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Cartografias ribeirinhas**. Saberes e Representações sobre práticas sociais cotidianas de Alfabetizando amazônicas. Belém: Eduepa, 2008, 2.ed.
- PEDROZA, Manoela. **A roça, a farinha e a venda**: a produção de alimentos, mercado interno e pequenos produtores no Brasil colonial. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *Coleção O Brasil Colonial: 1720-1821*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- ROMERO, Fanny Longa. **“Fazer artesanato para fazer a roça”**: práticas sociotécnicas na Comunidade Quilombola da Serra das Viúvas. *Ciências Sociais Unisinos*. 2014. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2014.50.3.10/4478. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, Wanubya Maria Menezes da. **Territorialidades do uso da água ao longo do Canal do Sertão em Alagoas**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SILVA, Divânia Cássia Costa da. **Reconhecimento, mercado étnico e participação política: a questão quilombola e a comunidade Serra das Viúvas**. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16737>; Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, Alice Oliveira da. **Agroecologia no Assentamento Lameirão: Resistência Camponesa no Alto Sertão de Alagoas**. 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8836/1/Agroecologia%20no%20Assentamento%20Lameir%C3%A3o%20resist%C3%Aancia%20camponesa%20no%20Alto%20Sert%C3%A3o%20de%20Alagoas.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SOUZA, A. F. G.; SANTOS, R. H. **Identidades e sócioespacialidades de comunidades tradicionais do Sertão de Alagoas**. Geosaberes, Fortaleza, n. 2, v. 9, p. 362-375, nov. 2015.

SOUZA, Maria Helena Menezes de. **A variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade Quilombola Serra das Viúvas- Água Branca - AL**. 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6820/1/A%20varia%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%B3s%20e%20a%20gente%20na%20posi%C3%A7%C3%A3o%20de%20sujeito%20na%20comunidade%20quilombola%20Serra%20das%20Vi%C3%BAvas%20-%20%C3%81gua%20Branca%20-%20AL.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio a. **Nova face do conflito pela posse da terra no Pontal do Paranapanema (SP): estratégia de classe do latifúndio e do capital agroindustrial canavieiro**. In: ANTUNES, Ricardo (org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil, v.2, p.325-340. São Paulo: Boitempo, 2013.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio a. **Se camponês, se operário! Limites e desafios para a compreensão da classe trabalhadora no Brasil!** In: THOMAZ JÚNIOR, et al. (orgs.). Geografia e trabalho no século XXI, vol.2, p.135-170. Presidente Prudente: Centelha, 2006.